

## **A crítica sociopolítica na (re)construção de imagens nos escritos literários de David Gonçalves**

**Cladir Gava**

Doutorada em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, Santa Catarina

Bolsista – Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias (PROSUC/CAPES)

 <https://orcid.org/0000-0001-6879-1273>

E-mail: [cladirgava@yahoo.com.br](mailto:cladirgava@yahoo.com.br)

**Taiza Mara Rauen Moraes**

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, Santa Catarina

 <https://orcid.org/0000-0002-6389-1133>

E-mail: [moraes.taiza@gmail.com](mailto:moraes.taiza@gmail.com)

**Resumo:** Os escritos literários de David Gonçalves *Pés-Vermelhos*, *O Sol dos Trópicos*, *Sangue Verde* e *Estação das Trevas* intertextualizam cenários, personagens e enredos reconstruindo realidades provocadoras das reflexões que sustentam este artigo. A abordagem analítica é fundamentada nas proposições teórico-metodológicas da Semanálise de Júlia Kristeva dirigida às ilustrações do cenário metafórico *Quadrínculo*. As tramas narrativas (re)constroem imagens dos contextos em contrapontos: cidade x campo; bucolismo x manifestações súbitas e violentas; poder político e econômico x desigualdade social; agressão x resistência. As imagens literárias se sobrepõem e se imbricam desvelando a depredação da natureza e a marginalização de grupos sociais ligados à terra. As intertextualidades e as interdiscursividades que permeiam as tramas narrativas dos romances estudados conectam-se às discussões sociopolíticas, incitando reflexões acerca da saga dos personagens em contextos de contradições, inserindo-se como discurso que assinala o afastamento do ser humano da terra como um problema da humanidade.

**Palavras-chave:** Patrimônio literário; Imagens literárias; Sociopolítica.

### **Sociopolitical criticism in the (re)construction of images in David Gonçalves' literary writings**

**Abstract:** The literary writings of David Gonçalves *Redfeet*, *The Sun of the Tropics*, *Green Blood* and *Dark Season* intertextualize scenarios, characters and plots, reconstructing realities that provoke the reflections that support this article. The analytical approach is based on the theoretical-methodological propositions of Júlia Kristeva's Semanalysis aimed at the illustrations of the *Quadrínculo* metaphorical scenario. The narrative plots (re)construct images of contexts in counterpoints: city x countryside; bucolicism x sudden and violent manifestations; political and economic power x social inequality; aggression x resistance. Literary images overlap and overlap, revealing the depredation of nature and the marginalization of social groups linked to the land. The intertextualities and interdiscursivities that permeate the narrative plots of the novels studied are connected to sociopolitical discussions, inciting reflections on the saga of the characters in contexts of contradictions, inserting themselves as a discourse that highlights the separation of human beings from the earth as a problem of humanity.

**Keywords:** Literary heritage; Literary images; Sociopolitical.

**Texto recebido em: 04/10/2023**

**Texto aprovado em: 04/12/2023**

## Introdução

A linguagem literária encena práticas socialmente construídas e (re)cria mundos em relações estéticas permeadas pelo sensível e mobilizadas pela inspiração na abordagem subjetiva de temáticas circundantes em contextos diversos. As propriedades da literatura, que lhe são atribuídas pelo simbólico, conectam-se às experiências que perpassam as contexturas nas quais essa linguagem é produzida, conferindo-lhe a potência de ativar a memória acerca dos contínuos movimentos da humanidade.

A abordagem de leitura deste artigo é dirigida às interfaces entre as imagens literárias nas narrativas ficcionais *Pés-Vermelhos*, *O Sol dos Trópicos*, *Sangue verde* e *Estação das Trevas* de David Gonçalves. O objetivo é problematizar as (re)construções de imagens da região simbólica de *Quadrínculo* – universo imaginário – denotando intertextualidades e interdiscursividades que desvelam transformações dos contextos que perpassam a saga dos personagens dos romances estudados na relação deles com os espaços naturais designando a crítica sociopolítica.

As imagens (re)construídas pela literatura no movimento entre o texto e o contexto são abordadas neste artigo na acepção proposta por Nascimento; Russo (2019, p. 49):

Como gesto que cria a condição material para a fabulação de objetos sensíveis – inauditos – sob forma de reorganização sintática e semântica do texto na vibração interna da plasticidade da palavra, no confronto do trabalho com a linguagem e na possibilidade infinita de reconexão das linhas que a tecem – numa possibilidade de imagem-textura – para além do eixo comunicativo e discursivo.

O olhar analítico é direcionado ao patrimônio literário como uma linguagem agregadora de vozes portadoras de fazeres e saberes que se entrecruzam e se aliam à imaginação, tanto no ato da escrita quanto na leitura, em proveito de (re)construções de determinados contextos. Abordagens que se atrelam a outras

contexturas por meio de temáticas universais acerca de diferentes espaços e momentos da trajetória de humanidade.

Os sentidos dialéticos construídos pelos escritos literários foram estudados pelo viés das potências da linguagem literária referenciadas nas forças da escritura abalizadas por Barthes (1978), oriundas dos conceitos gregos *mathesis* (sabedoria), *mimesis* (representação) e *semiosis* (semiose). A *mathesis* indica a presença das ciências na composição literária, assinalando seu potencial agregador de saberes produzidos socialmente; a *mimesis* se refere aos deslocamentos utilizados pelo texto literário na criação de imagens que apontam para a fonte de inspiração da literatura, qual seja, o real; a *semiosis* é o simbólico que articula o jogo dos signos linguísticos produzindo significados e possibilitando que a linguagem literária não se submeta aos mecanismos reguladores da língua.

Das propriedades da linguagem literária de (re)construir imagens que simbolizam práticas sociais emerge sua potencialidade de ampliar olhares sobre o contexto sociopolítico (re)criado pela ficção. Cândido (2000) sinaliza a interpretação dialética dos elementos internos à estrutura da narrativa que compõem o texto e os fatores externos que remetem às estruturas sociais, econômicas e políticas, nas quais a literatura se insere como desveladora de circunstâncias históricas e culturais subjacentes à realidade simbolizada.

A abordagem é dirigida para a leitura do literário, a partir da *Semanálise* de Júlia Kristeva (2012), tendo como referência o contexto histórico e social compreendido como propagador de vozes que envolvem várias instâncias de mundo. Júlia Kristeva (2012), alavancada pelo núcleo teórico bakhtiniano (Bakhtin, 1997), ampliou olhares acerca do diálogo que se insere no texto literário, abalizando a intertextualidade inerente a essa composição. Denota que a linguagem literária é, no mínimo, dupla, apontando que a partilha de sentidos, experiências e conhecimentos não se dá entre os sujeitos e sim pelo diálogo entre os textos. A intertextualidade designa pontos de encontro entre as textualidades, entrecruzamentos que abrem espaços para diálogos e conexões. Defende que a linguagem literária provoca leituras que vão além do enunciado do texto em sua disposição explicitada e seu discurso manifestado. A literatura incita reflexões que, por sua vez, impulsionam transformações decorrentes da produção e da leitura do texto.

Com base nos apontamentos de Kristeva (2012) de que a literatura se insere nos processos sociais enquanto discurso, provocando novos olhares acerca da realidade simbolizada, por meio da infinidade combinatória ilimitada de produzir significâncias, este artigo aborda os interdiscursos entre os escritos literários estudados e entre esses e as abordagens acerca de questões que permeiam a memória social. A abordagem é voltada às temáticas recorrentes nos romances analisados que abarcam as experiências simbólicas dos personagens com os espaços naturais, os avanços tecnológicos e as decorrências do afastamento do homem da terra de onde emana a cultura dos grupos sociais circundantes nesses escritos literários. Na abordagem desse tema são acionadas as interdiscursividades entre os romances estudados e entre esses e as considerações de Krenak (2000) na problematização da apropriação dos recursos naturais pelo ser humano e o afastamento desse da terra, denotando decorrências dessas intervenções na trajetória da humanidade.

### **Intertextualidades e interdiscursividades em imagens literárias de *Quadrínculo***

As forças da escritura assinaladas por Barthes (2012) projetam mundos imaginários (re)construindo contextos no jogo com os símbolos linguísticos que recriam o modo humano de ser e viver e designam saberes sociais. As imagens que compõem o conjunto da obra de David Gonçalves intertextualizam *Quadrínculo* como cenário metafórico ao projetarem interfaces que desvelam transformações dos contextos ao longo do período colonizatório desses espaços simbólicos até a contemporaneidade. Cenas que se conectam pela (re)significação de circunstâncias ligadas ao crescimento econômico da região simbolizada nas representações mentais associadas aos cenários, temas e personagens que se constituem em elementos dessas narrativas ficcionais, designando significâncias e intertextualidades convergentes com os pressupostos teóricos de Kristeva (2012).

No romance *Estação das Trevas* as textualidades (re)constroem imagens de *Quadrínculo* reveladoras das características do cenário onde antes predominava a floresta e foi sendo transformado em uma paisagem mista, composta pelo centro urbano contornado por propriedades agrícolas: “pequena, descritível, próspera,

rodeada por campos de soja, algodão, trigo, milho e canavial” (Gonçalves, 2022, p. 263). Cenas que permeiam as tramas narrativas e agregam nuances acerca das mudanças na configuração dos contextos. Remetem ao romance *Pés-Vermelhos*, ambientado no período da colonização da região norte-paranaense, que ficciona a relação dos trabalhadores do campo com aquelas terras roxas e os avanços tecnológicos desde 1940, quando *Quadrínculo* era sertão, perpassando as quatro décadas seguintes, em passagens permeadas por ilustrações acerca do crescimento daquela região. Na chegada dos imigrantes, *Quadrínculo* simbolicamente é a floresta: “a selva se espalhava até o fim do horizonte rubro naquele final de tarde de 1094” (Gonçalves, 2017, p. 5).

A linguagem literária (re)constrói as trilhas feitas pelos colonizadores em meio à mata, atalhos que foram transformados em estradas e após foram cobertos pelo asfalto; os meios de transporte, primeiramente os cavalos e as carroças e depois os automóveis e a construção da ferrovia que atravessou aquelas terras, facilitando o escoamento da produção; a iluminação com o uso da vela e a lamparina à querosene substituídas por lâmpadas com a instalação da energia elétrica e os avanços tecnológicos que trouxeram possibilidades de uso de equipamentos diversos. Prosperidade em imagens que designam nova conjuntura da qual decorrem outras formas de vida e de ocupação dos espaços de floresta transformados em vilas e cidades. As ilustrações se associam aos símbolos do progresso da região simbolizada: “a nova rodoviária, com a praça circundante, jardins, bancos, coreto, fonte luminosa em forma de disco voador” (Gonçalves, 2017, p. 278). (Re)criações do panorama paisagístico em constante modificação: “Como a cidade crescera! Do vilarejo-povoado, uma cidade progressista. Não havia nem sinal das velhas construções. As ruas tortuosas deram lugar a ruas e avenidas amplas, urbanizadas, com calçadas, asfalto, jardins” (Gonçalves, 2017, p. 371). As intertextualidades nas imagens (re)construídas nos romances analisados sinalizam que o crescimento veloz impôs alterações no modo de vida das pessoas daquele grupo social e indicam a (re)construção dos costumes e das relações com os espaços. Os idosos passaram se reunir nos bancos da praça para jogar dominó, as crianças brincavam nas ruas, os políticos faziam comícios e os religiosos pregavam em locais públicos. Na sucessão da narrativa, as cenas projetam as periferias dos centros urbanos para onde foram deslocadas famílias de sitiantes que laboravam na agricultura e perderam suas terras, bem como meeiros e peões que não tinham

mais trabalho após a mecanização da lavoura. Imagens ilustrativas dos impactos no modo de vida desses trabalhadores.

Ao (re)significarem fatos históricos/culturais do grupo social simbolizado, as narrativas ficcionais de David Gonçalves se inserem na crítica sociopolítica pelo viés da linguagem literária. Denunciam os problemas sociais que acompanharam o vertiginoso progresso econômico da região “picada pela abelha do crescimento” (Gonçalves, 2022, p. 10). No romance *Estação das Trevas*, as imagens são permeadas pelas memórias de personagens que chegaram a *Quadrângulo* nos tempos da colonização e testemunharam o desmatamento, as mudanças nas paisagens. O velho Matheus é um pioneiro com quase oitenta anos de idade. As experiências dele são povoadas por imagens de saudosismo contadas pelo narrador: “Da varanda da casa de peroba envelhecida contempla os prédios de *Quadrângulo*. Do nada, de uma clareira, eis agora a metrópole. Recorda-se quando, ainda menino, embrenhara no sertão do vale” (Gonçalves, 2022, p. 37). Denotam a cobiça humana desmensurada como desencadeadora de agressões ao meio natural: “em pouco tempo, a selva estava no chão e devorada pelo fogo” (Gonçalves, 2022, p. 37). Desvelam espaços que foram desbravados pela ação humana com o uso das tecnologias: “O tratorista encosta o trator na única árvore no meio do campo desnudo” (Gonçalves, 2022, p. 8). O desmatamento em grande escala é abordado reiteradamente nos escritos literários de David Gonçalves. Imagens do romance *Pés-Vermelhos* encenam a ação dos madeireiros na exploração da floresta nativa no período da colonização: “a serra zunia do amanhecer ao começo da noite e o monte de serragem ardia em fogo” (Gonçalves, 2017, p. 28).

Passagens que mostram *Quadrângulo* como contexto de ataques à natureza e à saúde das pessoas, em acometimentos movidos pelo poder na busca pela riqueza. As agressões também são encenadas na luta dos pequenos sitianteiros diante da ação de grileiros de terras que buscavam ampliar as propriedades deles por meio da expulsão de famílias das casas onde viviam: “dou fim nos posseiros. Ou quem está atrapalhando. Deixo o terreno livre” (Gonçalves, 2017, p. 29) – diz o personagem Galo Cego, um matador contratado por poderosos mandatários sob a alegação de que aqueles sítios deveriam ser acrescentados às grandes fazendas - “eles dizem que têm escritura registrada, recibos, e tudo o resto, mas não têm nada. Será que essa gente não sabe que tudo tem dono? Acham que, quem chega primeiro é o dono do baile” (Gonçalves, 2017, p. 32). A ambição humana desmedida da qual decorre a

aniquilação dos ambientes naturais e as investidas do poder contra os grupos sociais marginalizados são temas intertextualizados e que convergem na construção de interdiscursos nos romances analisados.

As (re)construções de imagens ambientadas na Amazônia que perpassam as tramas narrativas do romance *Sangue Verde* desvelam situações romanescas demarcadas pelo impacto ambiental. Cenas que apontam a destruição das florestas, do solo, das águas, da biodiversidade do cenário amazônico desvelando a devastação dos recursos naturais: “tratores e retroscavadeiras derrubam e limpam a floresta: as dragas chegam, os rios se contaminam rapidamente de mercúrio (...) na trilha do brilho dourado, nada se preserva” (Gonçalves, 2014, p. 6). Imagens emblemáticas de agressões às populações tradicionais da região - os indígenas, quilombolas, pequenos sitiantes e ribeirinhos - na ocupação dos espaços por parte dos garimpos ilegais e por meio da grilagem de terras. Nesse contexto, *Quadrângulo* é um dos lugares de origem de madeireiros, fazendeiros, garimpeiros e a Amazônia é um espaço de tensões geradas na busca incessante pelo ouro e pela ampliação das grandes fazendas. Os contrapontos se expressam na resistência das populações marginalizadas em defesa dos espaços onde viviam.

No romance *Pés-Vermelhos* as imagens ilustram alegrias dos trabalhadores do campo na colheita dos frutos do trabalho árduo naquelas terras roxas e férteis. Em contrapartida, encenam os dramas no enfrentamento de problemas climáticos que acometiam a região. As cenas projetam a apropriação dos espaços pelos pequenos sitiantes: “as casas perdidas nas clareiras abertas, onde talhões de café eram plantados em covas quadradas e rasas cobertas com ramos, por causa do sol e das geadas” (Gonçalves, 2017, p. 5). Imagens que remetem ao chamado Ciclo do Ouro Negro, período em que a agricultura cafeeira predominava e o norte paranaense estava entre as regiões brasileiras mais prósperas na exportação desse produto. Desvelam as esperanças dos lavradores na colheita em representações mentais das paisagens compostas pelos pés de café: “O verde das plantações ondulava nos morros” (Gonçalves, 2017, p. 38) e da época em que os botões se transformavam em flor que seria o fruto da colheita: “Então aconteceu: no primeiro domingo da primavera, a florada eclodiu. Os morros e as chapadas do vale se vestiram de branco” (Gonçalves, 2017, p. 328). Em *Estação das Trevas*, as memórias simbólicas do velho Matheus (re)criam imagens de tempos saudosos do auge da lavoura cafeeira na região, quando os sitiantes tinham trabalho e fartura

proporcionada pelas mãos da natureza: “naquele chão não havia pepitas de ouro, mas o café” (Gonçalves, 2022, p. 37). E desvelam sentimentos de antigos sitianteiros diante das transformações das paisagens: “essas imensidões de terras eram de um verde só, os cafezais ondulavam e as colônias pulsavam vida. Não é triste? O que se vê hoje? Canaviais, trigais e sojas” (Gonçalves, 2022, p. 43).

Mudanças ambientais que se acentuaram após a geada negra que acometeu a região norte do Paraná e fazem parte do enredo no romance *Pés-Vermelhos*: “Sim, a geada negra: a que não tinha camada de gelo sobre o chão e as plantações. O vento gelado, advindo dos Andes, torrava o que havia de verde” (Gonçalves, 2017, p. 353). As imagens de *Quadrângulo* como cenário de aniquilamento da lavoura cafeeira ilustram a destruição das esperanças de colheita farta: “O verde robusto da vegetação dava lugar ao negro e os pássaros voavam baixo, perdidos e assustados. Campos empretecidos. Carvão. Folhas arcadas, sem vida. O vale enegrecera. Chegara o Apocalipse” (Gonçalves, 2017, p. 354). Designam que as implicações dessa experiência dramática no período da colonização foram imediatas, porque “da noite para o dia o paraíso desmoronou. (...) Ah, desastrado 1975” (Gonçalves, 2022, p. 39).

No conjunto da obra de David Gonçalves, as intertextualidades estabelecem conexões entre as mudanças nos cenários e as experiências simbólicas dos personagens suscitando reflexões acerca dos impactos da geada negra na vida dos trabalhadores da agricultura familiar, meeiros e peões diante da perda do sustento das famílias: “a cabeça de cada um era uma caixa de marimbondos bravos. Ideias e problemas rodavam como circo de cavalinhos, sem controle. Nunca tinham visto coisa igual” (Gonçalves, 2017, p. 353). Passagens do romance *Estação das Trevas* se atrelam a essas cenas nos relatos do narrador perpassados pela desolação dos trabalhadores do campo ao serem afetados por esse acontecimento climático: “Ao meio-dia os lavradores olhavam a lavoura queimada pelo vento dos Andes e cavoucavam o chão com gravetos, emudecidos” (Gonçalves, 2022, p. 39).

A geada negra teve consequências percebidas ao longo dos anos que são simbolizadas nos escritos literários pelas imagens dos cenários de *Quadrângulo*. Fator preponderante que, aliado à mecanização da lavoura, impulsionou o êxodo rural. As tramas narrativas do romance *Estação das Trevas* são permeadas por imagens que resgatam a encenação do afastamento dos trabalhadores da terra: “depois da geada, o sol ardente impiedoso. Há carroças e caminhões transportando

mudanças. Famílias abandonam os sítios” (Gonçalves, 2022, p. 41). As imagens constroem interfaces entre os contextos das narrativas ficcionais analisadas ao ilustrarem o período em que o café deixou de ser o principal produto agrícola, dando espaço ao cultivo de outras plantações. Remetem à redução da demanda por mão de obra manual no campo devido aos altos investimentos em equipamentos agrícolas por parte dos proprietários de grandes extensões de terra, desencadeando a retirada de parte significativa dos sitiantes, meeiros e peões que trabalhavam no cultivo manual do café. Literatura sociopolítica que problematiza o esvaziamento da presença humana nos espaços rurais com a redução da agricultura familiar e o predomínio das grandes propriedades de lavoura mecanizada. Em decorrência, designa mudanças na configuração da região representada e o aprofundamento das desigualdades sociais.

No romance *O Sol dos Trópicos* os contrapontos entre cidade e campo se mostram acentuados na (re)construção de imagens dos espaços urbanos periféricos para os quais foram deslocados trabalhadores oriundos da agricultura. *Quadrínculo* é ilustrado como um cenário em que são agravadas as contradições socioeconômicas e as modificações na dinâmica dos centros urbanos: “os campos ficam desertos, as pequenas propriedades somem, os grandes latifúndios dominam. As cidades incham” (Gonçalves, 2010, p. 254).

Na simbolização desse contexto, o romance *O Sol dos Trópicos* contém cenas que denotam a passividade de *Quadrínculo*, mas deixam transparecer que essa tranquilidade é uma imagem ilusória “a cidade continua parecendo, à primeira vista, muito calma e pacata. Só por fora. Por dentro os dramas crescem, tomam corpo e ameaçam explodir” (Gonçalves, 2010, p. 254). Em *Estação das Trevas*, a paisagem de *Quadrínculo*, em sua composição mesclada por sítios, fazendas e centro urbano, conectam-se ao conjunto da obra de David Gonçalves na projeção de imagens de aparente harmonia, indicando que esse cenário sereno e afortunado é problematizado por inquietações de personagens que nele circulam: “com os avanços tecnológicos do agronegócio, o crescimento rápido mexeu com os habitantes. (...) Assim é o progresso, afirmou o professor Zacarias: uns enriquecem e a maioria rói as unhas” (Gonçalves, 2022, p. 263). Cenas reveladoras de discrepâncias que afetam a região simbolizada em sua configuração estrutural, econômica e sociopolítica: “era pacata como outra qualquer (...) mas se vivia em um ambiente bucólico e desafiador, feito panela de pressão desregulada, pronta a

explodir” (Gonçalves, 2022, p. 263). Imagens que estabelecem interfaces na (re)criação dos contextos em que o vultoso progresso veio acompanhado por situações conflituosas e denotam cenários onde algo está na eminência de eclodir.

O literário, por meio das figuras de linguagem como o paradoxo, tem a potência de simbolizar o real, atribuindo-lhe significâncias construídas em estratos que se multiplicam e se sobrepõem na composição literária. Barthes (2012, p. 159) sugere que a escritura seja vista “sob a espécie de uma cebola, combinação superposta de películas (de níveis, de sistemas)” (Barthes, 2012, p. 138), e assinala que a escritura é múltipla; articula-se sob códigos que não se esgotam pois o “volume não comporta nenhum miolo, nenhum caroço, nenhum segredo, nenhum princípio irreduzível, senão o próprio infinito de seus invólucros – que nada envolvem a não ser o próprio conjunto de suas superfícies” (Barthes, 2012, p. 138). Defende que a escritura propicia experiências culturais e estéticas pela relativização dos signos linguísticos na simbolização do real: “a escritura é atópica com relação à guerra das linguagens, que não suprime, mas desloca, ela antecipa um estado das práticas de leitura e de escrita, no qual é o desejo que circula, não a dominação” (Barthes, 2012, p. 138).

As (re)construções de imagens que se sobrepõem nos romances analisados ilustram *Quadrínculo* como a metáfora que simboliza conjunturas sociais e ficciona espaços nos quais essas narrativas são ambientadas ou aos quais se remetem. Isso se dá por meio de interfaces que indicam significâncias e intertextualidades, atributos da literatura assinalados por Kristeva (2012). Ao estabelecerem conexões nas (re)construções dos contextos simbolizados, essas intertextualidades designam perspectivas que ultrapassam a leitura linear do texto. Em decorrência, *Quadrínculo* é a região colonizada e é também muitos lugares. As imagens (re)construídas em conjunturas nas quais emergem as relações entre o ser humano, a terra e as tecnologias atribuem à linguagem literária à potência de transcender do regional ao universal na abordagem de temas inerentes à existência humana em contextos históricos e sociais diversos.

Intertextualidades e interdiscursividades na (re)criação das relações entre os personagens e a natureza

Os personagens que circulam nas narrativas ficcionais investigadas (re)constroem o painel da pluralidade que caracteriza o fluxo imigratório impulsionador da composição populacional da região simbolizada, bem como a ânsia dos poderosos por apropriar-se de mais terras: “chegavam com os pés brancos, morenos ou negros e logo ficavam com os pés vermelhos. O barro roxo tingia as unhas, os meios dos dedos e os tornozelos. Roupas ficavam encardidas e o vermelho forte tingia o dinheiro da cobiça” (Gonçalves, 2017, p. 26). Imagens (re)criadas pela sensação provocada pela visão das cores e o contato da terra com o corpo, a sinestesia na composição de raças mistas, a apropriação dos espaços e a demarcação das diferenças socioeconômicas: “aos poucos se misturavam, quebravam suas crenças e a cor da sela usada ia tomando conta” (Gonçalves, 2017, p. 332). Remetendo ao período da colonização, em *Estação das Trevas*, o eu-narrador conta que “famílias chegavam de todos os cantos do país (...) uma mistura de raças. Do norte a Sul, Leste a Oeste – sem contar os imigrantes espanhóis, italianos, portugueses, japoneses, alemães...” (Gonçalves, 2022, p. 37). Literatura que projeta imagens de *Quadrínculo* como um lugar de multiplicidade cultural ilustrado pela metáfora “laboratório étnico em andamento” (Gonçalves, 2022, p. 37). Os personagens criados por David Gonçalves pertencem a classes sociais diversas e são oriundos de muitos lugares. As simbolizações de pessoas do povo fluem nessas narrativas ficcionais com maior ênfase, especialmente os figurantes que se relacionam de forma harmoniosa com o meio natural.

Escritos literários que (re)constroem imagens permeadas pelas nuances que intertextualizam experiências simbólicas das relações entre os personagens, a natureza e os avanços tecnológicos impulsionadores de mudanças nos contextos nos quais se inserem. Cenas ilustrativas das percepções dos animais ditos irracionais sobre o ambiente natural, sugerindo que muitos seres humanos os compreendem e outros não. O romance *Estação das Trevas* inicia com o narrador contando sobre uma égua que vinha trotando amedrontada por uma estrada “cansada de tantas maldades. Anseia a liberdade. Bicho-homem, o mais terrível” (Gonçalves, 2022, p. 05). É caracterizada como “velha, mas boa. Pelos sadios e bem tratados. Angulosa nos quartos traseiros. Pelo jeito já parira muitas vezes. E na testa havia uma mancha branca como se fosse uma estrela” (Gonçalves, 2022, p. 124) - a figura de linguagem da personificação a humaniza - “percebia-se que era uma égua sã e esperta, que chegara à idade madura conhecendo todas as

dificuldades” (Gonçalves, 2022, p. 124). O comportamento da égua mostra o receio dela de contato com seres humanos, medo ligado às memórias ruins e pressentimentos de que algo estava para acontecer: “lembranças e pensamentos relampejam. (...) traz os olhos esverdeados assustados” (Gonçalves, 2022, p. 05). A sabedoria lhe atribui a capacidade de escolher entre o bem e o mal; ela procura um lugar para viver e chega a um sítio afastado da cidade, onde vivia Leonardo, que a chamou de Bem-vinda: “só encontrou sossego no recanto do velho Leonardo, gente humilde, tão simples e distante do frenesi” (Gonçalves, 2022, p. 264). O personagem Leonardo tem a aparência envelhecida: “não escondia as profundas rugas no rosto queimado pelo sol. Viam-se os cabelos brancos saindo da aba do chapéu e a barba branca, rala, dava-lhe um ar de ermitão” (Gonçalves, 2022, p.123). Ele “sentia-se abençoado, rico, capaz de entender a floresta e os bichos, tratando-os como iguais” (Gonçalves, 2022, p. 398). As propriedades da linguagem literária (re)constróem imagens da identificação dos personagens-bichos com os personagens-humanos que simbolizam a vida em harmonia com o ambiente natural. Mozart é um curió premiado em vários concursos de canto. Mesmo sendo tratado com todo esmero, ele foge da gaiola onde era mantido preso por seu dono. As imagens que permeiam a narrativa designam a amizade entre o pássaro e o padre Arcanjo, que o chamou de Benzadeus. Arcanjo remete ao significado do nome na Bíblia Sagrada como anjo principal, força de Deus, anjo mensageiro. O sacerdote era “vindo de uma cidade grande, era magro, quase negro e tinha sotaque nordestino” (Gonçalves, 2022, p. 28). Diferentemente do seu antecessor que atendia aos anseios dos poderosos da cidade, as cenas mostram que a mensagem do personagem Arcanjo em seus sermões - que defendiam os pobres e injuriavam os ricos - renderam-lhe acusações de usurpação e ofensas por parte dos abastados do agronegócio e aproximações com os personagens populares: “Que ousadia! – disse a sociedade conservadora. Que gente boa! Disse o povaréu” (Gonçalves, 2022, p. 29). A caracterização desse personagem evidencia a capacidade de interação com as pessoas mais humildes: “Sim, o novo padre era povão, cheirava a suor, amassava barro, misturava-se aos miseráveis, bebericava cachaça nos armazéns, vestia-se de palhaço nas tardes de domingo no parque” - e a afeição dele pelos animais - “os cães não mostravam os dentes quando ele visitava as casas aos domingos” (Gonçalves, 2022, p. 30). As imagens inseridas nas tramas narrativas unem os personagens-bichos aos personagens-humanos pela linguagem simbólica e

questionam sobre o comportamento dos seres humanos e dos seres ditos irracionais indagando sobre quem é mais sábio, conforme se dá nas cenas de um trabalhador observando um ninho de formiga: “O que as move, afinal? (...) Quem as ensinou a cuidar de suas vidas com tanta dedicação? Elas não questionam, elas agem, e parecem saber as coisas que o homem não percebe” (Gonçalves, 2022, p. 9). Indicam aproximações com os dizeres de Krenak (2000) de que a percepção não é uma exclusividade do ser humano. Assinala a importância de todas as formas de vida da natureza, pois nela os diversos seres percebem a existência.

A criação de personagens que se caracterizam pela ligação afetiva com os animais é recorrente nos escritos literários analisados. Gabriel figura no romance *Pés-Vermelhos* como o último filho em uma família de sitiantes. Imagens da infância e da adolescência dele desvelam deslumbramento pela natureza: “Pássaros voavam entre as árvores frutíferas, treinando, depois se escondiam na pequena mata (...) e o menino inchava o peito de felicidade e arregalava os olhos, encantado com tudo o que via e ouvia” (Gonçalves, 2017, p. 191). Observava a mata, preocupado com a derrubada das árvores que destruiriam os ninhos dos pássaros. Afeição que aumentava com os filhotes: “Voltou ao ninho nos três dias seguintes. Cada vez mais embevecido. Daqueles pequenos ovos, surgiram frágeis criaturas... A vida, que mistério!” (Gonçalves, 2017, p. 191). Cenas (re)criam a angústia do menino diante da ordem que o pai dera ao irmão mais velho quando descobriram uma ninhada de cães embaixo do assoalho da tulha: “Assim que parar a chuva, pegue um da ninhada e dê fim nos outros – ordenou, aborrecido – O mais raçudo, o que tiver o céu da boca bem preto” (Gonçalves, 2017, p. 187). Cenas de dor, que impactaram profundamente as emoções do personagem Gabriel:

Lá estava o irmão à beira do rio lamacento, que bufava. (...) meteu a mão na cesta, suspendeu um filhote e girou o braço, arremessando ao rio. O cachorrinho bateu na água, tibum!, voltou à tona, um chape-chape, depois nada, apenas uma poça desfeita rapidamente levada pela correnteza. Depois um a um, todos foram jogados. Passado um instante, uma cabecinha aflorou mais abaixo, o focinho para fora d'água, patinando desesperado; depois afundou novamente para o meio das águas barrentas (Gonçalves, 2017, p. 189).

Passagens em que as imagens do desespero dos pequenos cães e de Gabriel são permeadas pela sonoridade das onomatopeias “tibum!” - prenúncios de morte-; “chape-chape” - som da luta dos filhotes para submergir nas águas. Contudo, prevalece o som do “nada”, o silêncio, o “vazio”. Encenação que (re)constrói imagens

da identificação do personagem Gabriel com os frágeis cãozinhos; ele que era uma criança que havia nascido com problemas de saúde, o que despertara desde cedo a preocupação da mãe. Como ele, os filhotes mortos tinham fragilidades físicas e, portanto, não estavam entre os corpos fortes: “A cadela continuava presa no paiol, ganindo desesperada. Foi até lá, abriu a porta, Esperança pulou em seu peito, chorando, e depois saiu correndo trilha afora até o rio. (...) entre as palhas do milho, havia um filhote, o mais esperto e ágil” (Gonçalves, 2017, p. 189). Cenas que desencadeiam o desconsolo de Gabriel, suscitando reflexões sobre os sentidos da vida: “chegaram a ele os chamados da mãe, mas ele não tinha vontade de voltar para casa. De tarde a febre o tomou. Por quê? Ninguém sabia. Delirava. Algo terrível acontecera em sua vida” (Gonçalves, 2017, p. 190). As imagens denotam que o personagem Gabriel, assim como diversos outros que circulam nas narrativas, tem como característica acentuada a sensibilidade de se conectar com o meio natural em que vive e com as formas de arte; ele plana alto como os pássaros para olhar o mundo e escrever. A literatura, por meio das propriedades que lhe são inerentes assinaladas por Barthes (1978), tem a potência de despertar no leitor reflexões acerca da existência humana na terra.

No romance *Sangue Verde* circulam personagens de pequenos sítios, populações ribeirinhas, quilombolas, indígenas, grupos sociais que têm sua vida conectada aos espaços naturais da Amazônia. Maracanã é um jovem indígena que sentia o “coração petrificado” diante da destruição da floresta e da cultura do seu povo. Havia frequentado a escola dos brancos onde lhe ensinaram práticas que contrariavam as vivências na aldeia e a história era contada do ponto de vista dos desbravadores. O povo dele recebeu das mãos de Conrad Verdi – um poeta ambientalista branco considerado louco - uma “caixa estranha. Em uma telinha minúscula as imagens se movimentavam”. Com o uso desse equipamento, Maracanã conseguiu filmar aspectos que resgatavam a identidade da tribo: “um povo, sem história, é uma geladeira disforme” (Gonçalves, 2014, p. 128). Registrou também ataques que sofriam dos garimpeiros e fazendeiros e entregou essas provas ao juiz Rodolfo que, em meio à corrupção do sistema, lutava por justiça.

Os escritos engendrados por recursos estilísticos próprios da construção do simbólico assinalado por Barthes (1978) designam a potência da escritura na produção de alegorias que personificam a terra, atribuindo-lhe papéis e características humanas, como se dá no romance *Estação das Trevas*: “terra –

mulher fértil à espera das sementes” (Gonçalves, 2022, p. 8). Imagens que se intertextualizam com passagens do romance *Pés-Vermelhos*: “a terra é nossa mãe. Ela nos dá o sustento, desde que tratada com carinho” (Gonçalves, 2017, p. 265). Ilustrações dos laços dos trabalhadores do campo com o chão onde cultivavam o sustento das famílias e de onde provinha sua cultura. Santônio é um dos principais personagens na (re)construção de imagens reveladoras da trajetória de sitiantes que viveram e morreram ligados à terra; agricultores que labutavam arduamente na lavoura com sua família enfrentando as adversidades. Santônio entendia a terra e projetava na plantação suas expectativas de vida a ponto de ser confundido com ela pelo filho: “O pai era um pé de café. Misturava-se com o cafezal verdejante” (Gonçalves, 2017, p. 312). A imagem projetada pela figura de linguagem que caracteriza o personagem, além de associá-lo à terra, denota a simbiose entre os seres que ali viviam, designando a fusão entre eles: “O pai e os pássaros. O pai e a terra. Sim, eles se fundiam” (Gonçalves, 2017, p. 313). É nesta perspectiva que a linguagem literária (re)constrói a relação de pertencimento que os trabalhadores da agricultura familiar desenvolvem com o espaço natural: “a terra era seu berço e seu fim. Dela provinha a vida e tudo o que desejasse. Um pé-vermelho tinha as raízes fincadas na terra” (Gonçalves, 2017, p. 397).

As figuras de linguagem têm papel fundamental no jogo simbólico assinalado por Barthes (1978), alternativa pela qual a escritura escapa ao poder da língua por meio da (re)criação. As imagens (re)criadas sobre a natureza nos escritos literários analisados situam a terra como elemento intrínseco à vida dos trabalhadores do campo e das populações tradicionais, um bem cultural com o qual interagem e no qual eles projetam a vida.

A (re)construção de imagens no romance *O Sol dos Trópicos* traduz as experiências simbólicas dos personagens com a terra e suas lutas para consegui-la. Cenas que (re)constroem a figura do boia-fria, antes sitiante que perdeu suas terras, meeiro ou peão deslocado do campo por falta de trabalho, que subsistem às margens da sociedade. Zé Mauro é um líder em um acampamento de sem-terra que se torna político: “um sujeito que usa chapéu grande de palha e cobre o corpo com uma capa rota, botas enlameadas” (Gonçalves, 2010, p. 06). No romance *Estação das Trevas* a figura do boia-fria é materializada no personagem Abdias. As imagens (re)criam seus sentimentos e pensamentos: “sentia na boca um gosto enferrujado de moeda antiga; no corpo, enquanto olhava a chuva, uma sensação de coisa

quebrada” (Gonçalves, 2022, p. 24). Passagens que mostram seu desejo de ir embora, fugir daquela vida: “Para ele, Abdias, valia a pena mais morrer que seguir vivendo assim naquela terra. Cortando cana, sempre com dores nos rins, dizendo sim-senhor aos patrões, aos capatazes, que desfilavam nas caminhonetes novas” (Gonçalves, 2022, p. 24). Imagens que denotam a caracterização dos personagens como simbolização de pessoas do povo e que circundam em grupos sociais marginalizados. Escritos que intertextualizam a saga dos imigrantes de *Quadrângulo* deslocados para espaços periféricos da própria região ou de outras. As histórias são contadas recuperando a oralidade de um grupo social, em narrativas que resguardam traços de experiências preservadas na memória coletiva e (re) significadas na literatura.

Os contrapontos na criação dos personagens são representados pelos figurantes que se convertem na simbolização da ambição humana desmensurada e se revestem pelo poder do capital. No romance *Estação das Trevas* o Mal é o personagem invisível que incita a busca desmedida pela riqueza, personificado por Todo-Poderoso, o homem mais rico de *Quadrângulo*. É incapaz de se sensibilizar, comete atrocidades como mandatário de roubos, extorsões e agressões. O dinheiro lhe confere o poder e ele dispõe de um esquema organizado com aparatos tecnológicos para assaltos a bancos, comercialização de armas e drogas. No romance *O Sol dos Trópicos* Pasternak é um fazendeiro rico que conflitua com os boias-frias na luta por terra e explora trabalhadores vindos de outros lugares para as fazendas dele, em situações desumanas. Pasternak tem apoio de Toniquarto Vieira, um político corrupto que trama estratégias eleitorais em benefício de apoiadores. Nas tramas narrativas de *Sangue Verde* o personagem Pastor é um dos donos de garimpo ilegal que faz fortuna ameaçando os garimpeiros para lhe entregarem o ouro encontrado: “numa mão a bíblia ensebada. Na outra, o revólver” (Gonçalves, 2014, p. 48). Comerciantes se apropriam dos “frutos da lama e, de avião, numa fazenda próxima, despacham para lugares distantes e desconhecidos” (Gonçalves, 2014, p. 8). Bambico é proprietário de grandes extensões de terra. Originário da região Sul brasileira fez fortuna se apropriando, por meio da grilagem, de áreas da floresta onde viviam indígenas: “Ora, aqueles idiotas achavam que eram donos de suas terras! Para que um índio queria tanta terra se não cultivava nada?” (Gonçalves, 2014, p. 88) e explorando trabalhadores braçais que chegavam de outras regiões como mercadorias em caminhões.

As imagens literárias (re)construídas literariamente analisadas se conectam entre si pela intertextualidade e pelo interdiscurso das agressões ao meio ambiente e aos grupos sociais marginalizados incitadas pela ambição humana desmedida. Criam interdiscursividades com os dizeres de Krenak (2000) de que os seres humanos têm a pretensão de agir como se fossem os seres superiores no planeta, como se pudessem dispor dos recursos naturais de forma predadora destruindo a natureza e a vida que nela habita. Designam que a sede pelo capital incita a fragmentação das relações humanas e dessas com o meio natural, desconectando as pessoas delas mesmas e dos outros seres vivos, destituindo-as dos sentidos da vida e desfavorecendo a experiência cósmica que é a existência na terra. Interdiscursividades que participam do discurso de que as intervenções humanas na natureza provocam o afastamento do ser humano da terra, indicando esse como um dos maiores problemas da humanidade contemporânea.

As (re)construções de imagens nos romances analisados ilustram o duelo contínuo entre o bem e o mal, convertendo-se em encenações compostas por estratos permeados pelas nuances (re)construtoras de sobreposições textuais que se alternam nas tramas narrativas. Assinalam movimentos de (re)construção - por meio de imagens literárias - das relações que os personagens estabelecem entre si e com o lugar onde vivem, desvelando desigualdades entre as camadas sociais e incitando a reflexão acerca da vida na terra e com a terra.

Abalizam aproximações com os pressupostos de Barthes (1978) que atribui à linguagem literária um papel diverso e plural advindo de propriedades que lhe concedem forças para se mover no campo do sensível “não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (Barthes, 1978, p. 16). Assinala a revolução da linguagem provocada pela escritura como “tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é instrumento, mas pelo jogo de palavras de que ela é o teatro” (Barthes, 1978, p. 16).

Os escritos literários analisados desvelam as relações intrínsecas de grupos sociais marginalizados com a terra e os dramas decorrentes do rompimento dos vínculos que eles mantinham com os espaços naturais. Indicam potências da linguagem literária na (re)criação de problemas sociais por meio de imagens

inspiradas no contexto sociopolítico. Abordagem que remete aos estudos de Cândido (2004), que situam a literatura como um bem cultural devido às suas propriedades promotoras do movimento entre o texto e o contexto e instauradora de novos olhares sobre a realidade.

### Considerações

Os escritos literários de David Gonçalves (re)constróem imagens dos contextos por meio de contrapontos: cidade x campo; bucolismo x manifestações súbitas e violentas; poder econômico e político x desigualdade social; agressão x resistência. Simbolizam o mundo de *Quadrínculo* e a saga dos personagens que nele circulam, por meio de interfaces que se sobrepõem e criam nuances interligadas nas tramas narrativas conectando-se a discussões que fazem parte da memória social. Cenários, figurantes e enredos se entrelaçam e se imbricam na problematização das transformações dos contextos nos quais as práticas e os saberes sociais são (re)significados nas relações entre o ser humano, a terra e as tecnologias.

A literatura se apropria de acontecimentos históricos/culturais e lhes atribui significâncias por meio da (re)criação de imagens. *Quadrínculo* é o cenário metafórico no qual são encenados dramas que estão presentes em contextos diversos: as lutas na terra e pela terra, os embates dos grupos sociais marginalizados com o poder dominante que os subjuga, a destruição dos recursos naturais e as agressões às populações tradicionais que ali vivem. Assim, *Quadrínculo* se converte em um microcenário da sociedade brasileira, da América Latina, de outros contextos, posto que, subjacente a essas narrativas ficcionais, o enredo volta-se aos dramas da humanidade em conjunturas sociais diversas, nas quais os vínculos entre o ser humano e a natureza são fragmentados pela ambição humana desmedida.

As imagens (re)construídas pelas intertextualidades encenam o afastamento do ser humano da terra por interdiscursos que apontam a intervenção humana no meio ambiente e as consequências avassaladoras no equilíbrio da vida planetária. A literatura se insere na dinâmica social como discurso que participa das discussões sociopolíticas, suscitando reflexões acerca da realidade.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski* [1963]. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARTHES, Roland. *Aula inaugural de semiologia literária do Colégio de França*. 7/01/1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Queroz, 2000.
- GONÇALVES, David. *O sol dos trópicos* [1961]. 3. ed. Joinville: Sucesso Pocket, 2010.
- GONÇALVES, David. *Sangue verde*. Joinville: Sucesso Pocket, 2014.
- GONÇALVES, David. *Pés-vermelhos*. Joinville: Sucesso Pocket, 2017.
- GONÇALVES, David. *Estação das trevas*. Joinville: Sucesso Pocket, 2022.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- NASCIMENTO, Roberto Duarte Santana; RUSSO, Caio. Notas para um conceito de imagem literária. *Aletria*, v. 29, n. 3, p. 249-265, 2019. DOI: 10.17851/2317-2096.29.3.249-265.

**Cladir Gava** é Graduada em Letras, Mestra e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Integrante do grupo de pesquisa *Imbricamentos de Linguagens da UNIVILLE* e do grupo de pesquisa *NuPLL - Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora/bolsista do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias – PROSUC/CAPES.

**Taiza Mara Rauen Moraes** é Professora Titular do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Mestra e Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Letras pela Universidade do Contestado, em Santa Catarina. Editora Chefe da Revista digital *Confluências Culturais*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da UNIVILLE. Coordenadora do projeto *Deslocamentos de linguagens e interfaces culturais II* (DESLISE II /FAP UNIVILLE), líder do Grupo de Pesquisa *Imbricamentos de Linguagens* (CNPq). Pesquisadora da rede IILer - Cátedra da Unesco/PUC/Rio.

**Como citar:**

GAVA, Cladir; MORAES, Taiza Mara Rauen. A crítica sociopolítica na (re)construção de imagens nos escritos literários de David Gonçalves. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 2, p. 126-145, jul./dez. 2023. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).